


**DIÁLOGOS ACESSÍVEIS: CONSTRUINDO NARRATIVAS VISUAIS INCLUSIVAS COM A AUDIODESCRIÇÃO**

**ACCESSIBLE DIALOGUES: BUILDING INCLUSIVE VISUAL NARRATIVES WITH AUDIO DESCRIPTION**

**DIÁLOGOS ACCESIBLES: CONSTRUYENDO NARRATIVAS VISUALES INCLUSIVAS CON AUDIODESCRIPCIÓN**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n1-092>

**Data de submissão:** 12/12/2025

**Data de publicação:** 12/01/2026

**Lara Andrade Fachin**

Licenciada em Artes Visuais

Instituição: Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

E-mail: laraafachin@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2565128043116161>

**Luiz Gustavo Bieberbach Engroff**

Doutor em Literatura

Instituição: Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

E-mail: gustavo.bieberbach@unesc.net

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9980-6837>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8471478402112117>

**Aurélia Regina de Souza Honorato**

Doutora em Ciências da Linguagem

Instituição: Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

E-mail: arh@unesc.net

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3432-2932>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5183610256488469>

---

**RESUMO**

Este artigo propõe uma reflexão sobre a audiodescrição (AD) como ato criador, abordando-a não apenas como ferramenta de mediação, mas como experiência artística que transforma a percepção e o compartilhamento da arte. Ao deslocar o foco do acesso para o sensível, a pesquisa revela que a acessibilidade é também uma forma de criação, capaz de ampliar os horizontes estéticos e políticos da produção artística. Como metodologia realiza-se um estudo de caso com um grupo de teatro de sombras que utiliza a sombradescrição, uma modalidade de audiodescrição integrada ao processo criativo. A análise é construída a partir de entrevistas com uma das atrizes do grupo e uma espectadora cega e consultora de audiodescrição. A pesquisa articula dimensões empíricas e teóricas, apoiando-se em autores dos estudos críticos da deficiência e da teoria crip, como McRuer, Garland-Thomson e Siebers. Esses referenciais permitem compreender a deficiência como diferença produtiva e a acessibilidade como gesto político, revelando que a arte inclusiva é também uma arte transformadora — capaz de reinventar os modos de ver, ouvir, sentir e imaginar. Esse panorama aponta para a necessidade de uma mudança de paradigma na cultura: da acessibilidade como obrigação normativa para a acessibilidade como linguagem estética e prática emancipadora.

**Palavras-chave:** Audiodescrição. Acessibilidade. Arte. Cultura.

## **ABSTRACT**

This article proposes a reflection on audio description (AD) as a creative act, addressing it not only as a mediation tool but as an artistic experience that transforms the perception and sharing of art. By shifting the focus from access to the sensitive, the research reveals that accessibility is also a form of creation, capable of broadening the aesthetic and political horizons of artistic production. The methodology employed is a case study with a shadow theatre group that uses shadow description, a modality of audio description integrated into the creative process. The analysis is constructed from interviews with one of the group's actresses and a blind spectator and audio description consultant. The research articulates empirical and theoretical dimensions, drawing on authors from critical disability studies and crip theory, such as McRuer, Garland-Thomson, and Siebers. These frameworks allow us to understand disability as a productive difference and accessibility as a political gesture, revealing that inclusive art is also transformative art—capable of reinventing ways of seeing, hearing, feeling, and imagining. This overview points to the need for a paradigm shift in culture: from accessibility as a normative obligation to accessibility as an aesthetic language and emancipatory practice.

**Keywords:** Audio Description. Accessibility. Art. Culture.

## **RESUMEN**

Este artículo propone una reflexión sobre la audiodescripción (AD) como acto creativo, abordándola no solo como herramienta de mediación, sino como una experiencia artística que transforma la percepción y la difusión del arte. Al desplazar el enfoque del acceso a lo sensible, la investigación revela que la accesibilidad también es una forma de creación, capaz de ampliar los horizontes estéticos y políticos de la producción artística. La metodología empleada consiste en un estudio de caso con un grupo de teatro de sombras que utiliza la descripción de sombras, una modalidad de audiodescripción integrada en el proceso creativo. El análisis se construye a partir de entrevistas con una de las actrices del grupo y un espectador ciego y consultor de audiodescripción. La investigación articula dimensiones empíricas y teóricas, basándose en autores de estudios críticos sobre discapacidad y la teoría de la discapacidad, como McRuer, Garland-Thomson y Siebers. Estos marcos nos permiten comprender la discapacidad como una diferencia productiva y la accesibilidad como un gesto político, revelando que el arte inclusivo es también arte transformador, capaz de reinventar formas de ver, oír, sentir e imaginar. Este panorama general señala la necesidad de un cambio de paradigma en la cultura: de la accesibilidad como obligación normativa a la accesibilidad como lenguaje estético y práctica emancipadora.

**Palabras clave:** Audiodescripción. Accesibilidad. Arte. Cultura.

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de ações que promovam a acessibilidade em produções e espaços culturais tem se tornado um tema cada vez mais recorrente e urgente no campo da arte contemporânea. Essa urgência não se limita à adequação técnica dos espaços, mas envolve uma transformação nas formas de conceber, criar e compartilhar experiências artísticas. Na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), o artigo 8º reafirma o compromisso ético e político da sociedade com a garantia dos direitos humanos, reconhecendo que a acessibilidade e a participação cultural são dimensões indissociáveis da cidadania:

É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico. (Brasil, 2015)

No campo cultural, estes princípios se traduzem no direito à participação de pessoas com deficiência (PcD) na vida artística da comunidade. O Plano Nacional de Cultura reforça essa perspectiva ao afirmar que é dever do Estado:

Proteger e promover a diversidade cultural, a criação artística e suas manifestações e as expressões culturais, individuais ou coletivas, de todos os grupos étnicos e suas derivações sociais, reconhecendo a abrangência da noção de cultura em todo o território nacional e garantindo a multiplicidade de seus valores e formações. (Brasil, 2010)

Essas normativas ampliam o entendimento de que o acesso à cultura é um direito fundamental e que a inclusão deve ser pensada não apenas como garantia de presença, mas como possibilidade de criação e expressão. Para viabilizar espaços culturais acessíveis, é necessário reconhecer as pessoas com deficiência como protagonistas — não apenas como público-alvo, mas como sujeitos ativos da experiência estética. Essa mudança implica em compreender a acessibilidade como fator de invenção, e não como imposição normativa. Implica em pensar a vida em suas diversidades. Assim, a arte acessível não se restringe a adaptar obras existentes, mas propõe novos modos de existir e de sentir nos espaços culturais.

A acessibilidade cultural vem se afirmando como um campo de debate e criação nas artes. Cada vez mais, artistas e instituições buscam práticas que garantam o direito à participação de pessoas com deficiência em produções e espaços culturais. Contudo, ainda é comum que essas ações sejam

tratadas como complementares, limitadas à dimensão técnica ou legal. Esse olhar reduzido acaba ignorando o potencial estético da diferença e o papel político da acessibilidade.

Como observa a professora e pesquisadora Rosemarie Garland-Thomson (2011), em *Misfits: A Feminist Materialist Disability Concept*, a deficiência é a história de corpos que se encontram com mundos que não foram feitos para eles. Nessa perspectiva, a arte acessível não busca corrigir o corpo, mas criar formas de encaixe entre corpo e ambiente. Partindo dessa tensão entre técnica e criação, este artigo propõe uma reflexão sobre a audiodescrição (AD) como um ato criador. Trata-se de compreender a AD não apenas como ferramenta técnica e de mediação, mas como experiência artística que pode alterar o modo como percebemos e compartilhamos a arte.

Ao colocar o foco sobre o sensível — e não apenas sobre o acesso — a pesquisa busca mostrar que a acessibilidade é também uma forma de criação, e que a audiodescrição, como ferramenta, amplia o campo artístico e político, produzindo novos modos de ver, ouvir, sentir e imaginar. Para explorar essa questão, realiza-se um estudo de caso com a *Cia. O Sombrista*, grupo de teatro de sombras de Turvo/SC, que utiliza o recurso denominado sombradescrição, uma modalidade de audiodescrição integrada ao processo criativo e à encenação do espetáculo *Às Sombras de Anita* (2020). As reflexões são tecidas a partir das entrevistas com Diana Manenti, atriz e integrante do grupo, e Daiane Rodrigues, espectadora cega e consultora de audiodescrição.

A análise articula dimensões empíricas e conceituais, sustentada em autores dos estudos críticos da deficiência e da teoria crip, como McRuer (2006), Garland-Thomson (2011) e Siebers (2010). Esses referenciais permitem compreender a deficiência como diferença produtiva e a acessibilidade como gesto político, revelando que a arte inclusiva é também uma arte transformadora.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A DEFICIÊNCIA COMO POTÊNCIA ESTÉTICA

Historicamente, as políticas culturais de acessibilidade foram estruturadas sob uma lógica normativa e funcional, voltada principalmente à eliminação de barreiras físicas, arquitetônicas e comunicacionais. Essa abordagem é importante e fundamental para garantir o direito de acesso das pessoas com deficiência, mas insuficiente, pois mantém a deficiência como categoria de falta — como algo a ser compensado, corrigido ou ajustado —, o que reforça a ideia de “normalidade” como padrão universal.

Os estudos críticos da deficiência emergem, nesse contexto, como um campo teórico que desloca o foco da deficiência do domínio médico e reabilitador para uma dimensão social, política e epistemológica. Em vez de compreender a deficiência como falha, passa-se a vê-la como forma

legítima de existência e modo de produção de conhecimento. Assim, a deficiência não é ausência, mas presença criadora — uma força que desafia os regimes de normalidade e amplia os modos de ver, sentir e pensar o mundo. É necessário pensar a deficiência não como desvio, mas como diferença que reconfigura o próprio conceito da funcionalidade. Em diálogo com a teoria crip, proposta por Robert McRuer (2006), compreende-se que os corpos considerados “improdutivos” ou “deficientes” não estão à margem, mas no centro das tensões que revelam a estrutura normativa. Ser crip é habitar o desvio — transformar a inadequação em forma de resistência e invenção. Essa atitude, segundo McRuer, é um gesto de desobediência frente aos padrões de produtividade e eficiência que regem o capitalismo contemporâneo.

Nesse mesmo horizonte, Garland-Thomson apresenta o conceito de *misfitting* — o “desencaixe” entre corpo e ambiente. A autora explica que o desencaixe é uma relação dinâmica entre corpo e espaço; quando o ambiente muda, o desencaixe também muda. Essa ideia é crucial para pensar a arte acessível, pois evidencia que o problema nunca está no corpo em si, mas na maneira como o mundo é organizado para alguns e não para outros. A arte, ao criar outros arranjos sensoriais, reconfigura o ambiente, transformando o *misfitting* em encontro.

O teórico Tobin Siebers (2010), em *Disability Aesthetics*, reforça essa visão ao afirmar que as marcas da deficiência não empobrecem a arte — pelo contrário, a enriquecem e humanizam. Para o autor, a presença da deficiência nas artes amplia o escopo do sensível e questiona os critérios tradicionais de valor estético, tornando a arte mais verdadeira, e mais próxima da experiência humana.

A deficiência, portanto, deve ser entendida como fenômeno relacional. Ela emerge de um contexto social e estético que privilegia certos corpos, sentidos e modos de percepção. Reconhecer isso é admitir que as práticas artísticas acessíveis não são simples adaptações, mas reconfigurações do sensível — gestos que questionam quem tem o direito de perceber, criar e ser percebido.

Nesse horizonte, a acessibilidade deixa de ser favor ou concessão: ela se torna um ato político. A audiodescrição, ao ser incorporada à criação artística, não deve ser tratada como tradução neutra, mas como um exercício de imaginação entre quem descreve e quem escuta. Essa mudança de perspectiva fundamenta a análise proposta neste artigo: compreender a audiodescrição como ferramenta capaz de expandir a experiência da arte e de reposicionar a deficiência como força criadora.

## 2.2 A AUDIODESCRIÇÃO COMO GESTO POLÍTICO E POÉTICO

A audiodescrição tem sido frequentemente associada à acessibilidade técnica, vinculada à obrigação legal e à eliminação de barreiras sensoriais. No entanto, quando integrada ao processo

artístico, ela ultrapassa a função informativa e adquire um valor poético e performativo. Nessa perspectiva, entra o conceito de audiodescrição poética (ADp), um recurso que pode se constituir como um dispositivo de fruição sensível, ampliando o alcance da imaginação e da experiência estética. A audiodescrição poética não pretende traduzir a imagem, mas acompanhar seu movimento, respirando junto com ela. O audiodescritor não é mero mediador técnico, mas coautor da experiência. Ao descrever corpos, gestos e atmosferas, ele cria um espaço compartilhado de escuta e imaginação — um território em que o olhar é refeito pela palavra. A ADp, assim, não se limita a explicar o que se vê; ela produz novas imagens sonoras, que transformam o modo como o público se relaciona com a arte.

Na arte, essa abordagem ressignifica a relação entre o ver e o ouvir. A ADp cria pontes sensoriais, onde o som e a palavra ocupam o lugar do olhar. A deficiência é um modo de ver e sentir que torna a estética mais inclusiva, porque amplia as possibilidades do sensível. Essa ampliação desloca a visão como centro da experiência artística, instaurando uma estética em que o sensível é partilhado de modo múltiplo e coletivo. Pensar a audiodescrição como estética é, portanto, pensar a arte como encontro. A experiência compartilhada entre quem vê e quem escuta cria uma zona de convivência, onde a deficiência não é ausência, mas presença produtora de novas formas de arte.

A audiodescrição desloca o eixo tradicional da experiência artística: o que antes era centrado no olhar, passa a se sustentar na escuta e na imaginação. O ato de ouvir torna-se, ele próprio, um exercício criador. A AD instaura, portanto, uma estética da escuta, na qual o som se torna veículo de presença e de imaginação. No caso da pessoa cega, o som e a palavra são uns dos caminhos que permitem uma experiência estética que ultrapassa o domínio visual. Contudo, essa vivência não se restringe às pessoas com deficiência visual; ela também alcança o público vidente, que passa a perceber o espetáculo de forma diferente, deslocando-se de um olhar absoluto para uma atenção mais aberta, empática e plural.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 CONSTRUINDO NARRATIVAS VISUAIS ACESSÍVEIS**

A análise de experiências práticas é fundamental para compreender de forma concreta como os recursos de acessibilidade são incorporados ao fazer artístico e como impactam a relação entre obra e público. Nesta pesquisa, analisamos as experiências da Cia O Sombrista<sup>1</sup> na implementação

---

<sup>1</sup> A Cia O Sombrista é um grupo de teatro de Turvo/SC que, desde 2018, une sua arte e compromisso com a inclusão. O grupo abraça a missão de proporcionar experiências significativas para o público e para os artistas, utilizando o teatro de sombras como uma ferramenta poderosa para amplificar vozes e promover diálogos sobre questões sociais importantes.



de práticas de acessibilidade em seus projetos e em paralelo as experiências de uma espectadora deficiente visual que participou de diversas apresentações do grupo. Essa aproximação prática permite observar a acessibilidade como campo de criação e como experiência vivida, revelando o modo como ela afeta corpos, percepções e sensibilidades. A partir das entrevistas realizadas com Diana Manenti<sup>2</sup>, atriz e integrante do grupo, e Daiane Rodrigues<sup>3</sup>, a espectadora, busca-se compreender como a inclusão da audiodescrição transformou a experiência do público e contribuiu para a construção de um teatro mais inclusivo e acessível.

A metodologia utilizada nas entrevistas com Diana e Daiane ocorre em formato de diálogo, sem um roteiro prévio ou um questionário estabelecido. A intenção foi realizar uma conversa natural, que possibilitasse uma troca de experiências e vivências direta, sem a intervenção de um esquema engessado.

A Cia. O Sombrista estreou o espetáculo "Às Sombras de Anita" em 2020, que se apresenta como uma performance que explora o universo da figura histórica de Anita Garibaldi<sup>4</sup>, conectando-se a questões contemporâneas como gênero e inclusão. A montagem apresenta audiodescrição aberta e programas em braille, reafirmando o compromisso do grupo com o direito à participação plena na vida cultural. Na referida produção, a audiodescrição é nomeada como *sombradescrição*<sup>5</sup>, e desempenha um papel fundamental ao garantir que o teatro de sombras, que depende fortemente de elementos visuais, também possa ser apreciado por pessoas com deficiência visual. O grupo utiliza esse recurso de forma integrada à narrativa, oferecendo descrições detalhadas das sombras e das ações em cena, de modo a criar uma experiência rica e imersiva para o público. A *sombradescrição*, assim, traduz os elementos estéticos e narrativos do espetáculo, sem interferir na fluidez da apresentação, proporcionando uma compreensão ampla da história e das emoções transmitidas.

Além disso, a Cia O Sombrista busca incorporar a *sombradescrição* como parte de uma proposta artística inclusiva, que valoriza a diversidade de seu público. Eles entendem que a acessibilidade vai além de uma simples adaptação técnica e envolve uma transformação na maneira

<sup>2</sup> Diana Manenti é atriz, locutora e dubladora com mais de 15 anos de atuação no mercado publicitário, vídeos, audiodescrição e audiolivros.

<sup>3</sup> Daiane Rodrigues é atleta de bocha e presta consultoria de audiodescrição. Ela perdeu a visão em 2012 após sofrer uma trombose venosa cerebral (TVC).

<sup>4</sup> Anita Garibaldi (1821-1849) foi uma revolucionária brasileira, também conhecida como "Heroína dos Dois Mundos", que participou ativamente de movimentos republicanos no Brasil, como a Revolução Farroupilha, e na Itália (Bonavides, 2001).

<sup>5</sup> A *sombradescrição* é um recurso de acessibilidade desenvolvido para descrever as cenas visuais em espetáculos de teatro de sombras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão compreendam a narrativa e os detalhes visuais das performances. Assim como a audiodescrição, a *sombradescrição* descreve elementos essenciais para o entendimento da obra, como as formas projetadas, os movimentos das sombras, as interações entre os personagens e os cenários criados por essas projeções. O objetivo é traduzir o que está sendo mostrado visualmente para um formato acessível, ampliando a participação de diferentes públicos nos espetáculos.

como o espetáculo é concebido e apresentado. Através da *sombradescrição*, a companhia não apenas amplia o acesso ao teatro de sombras, mas também explora novas formas de contar histórias e criar experiências sensoriais, ampliando as possibilidades do teatro como espaço de convivência e troca cultural.

Durante as entrevistas, a importância da audiodescrição foi amplamente discutida dentro do contexto da criação de um espaço cultural verdadeiramente inclusivo. Diana destacou que a AD não é apenas uma forma de tradução de imagens em palavras, mas sim uma experiência de integração. A companhia compreende que tornar o teatro acessível implica repensar os modos de criação e recepção. A audiodescrição, nesse contexto, não é uma tradução, mas uma reescrita da cena — uma forma de reinscrever o sensível para todos os corpos.

DIANA: Eu acho que a arte tem essa capacidade, né? De fornecer o transporte para que eles venham. E eu acho, também, pra chamar a atenção da pessoa que não tem deficiência.<sup>6</sup>

Esta fala evidencia a compreensão de que a acessibilidade não é apenas um gesto de inclusão, mas também de afetação — um modo de mover o sensível de quem vê e de quem não vê. O público se transforma ao perceber que a arte pode ser compartilhada de formas diversas. Reforça como a arte tem o poder de reunir pessoas de diferentes contextos, promovendo interações e reflexões que vão além da experiência estética. Uma das experiências mais impactantes do grupo, relatada por Diana, foi uma apresentação do espetáculo “Às Sombras de Anita”, realizada em Florianópolis/SC, onde o público era composto por pessoas cegas e não cegas em uma proporção praticamente igual. Segundo ela, essa foi uma oportunidade única para observar como a acessibilidade cultural afeta tanto as pessoas com deficiência quanto aquelas sem deficiência:

DIANA: E o fato de reunir os dois grupos, assim, meio a meio, sabe? [...] Era metade-metade. Foi muita gente cega. E a gente percebeu que mexeu muito com as pessoas que não têm deficiência.<sup>7</sup>

Esse relato confirma o potencial da arte acessível como espaço de convivência e deslocamento de perspectivas. Como propõe Garland-Thomson (2011, p. 13, tradução nossa), “a deficiência revela o quanto nossas práticas culturais definem o que conta como humano”. Assim, ao criar um espaço compartilhado entre diferentes corpos, a Cia. O Sombrista torna visível o caráter político da acessibilidade: ela redistribui a experiência estética entre todos, sem hierarquias.

<sup>6</sup> Entrevista com a atriz e produtora Diana Manenti, concedida em 16 de outubro de 2024.

<sup>7</sup> Conforme nota de rodapé número 6.



O desafio da acessibilidade, especialmente de pessoas com deficiência visual, envolve mais do que simples adaptações tecnológicas ou arquitetônicas. A cultura do preconceito e o medo muitas vezes isolam essas pessoas, como destaca Diana:

DIANA: A questão é que eu acho que a criança cega, ela tem toda essa margem de preconceito da família que tem muito medo, entende? Então, eu acho que realmente as famílias, elas acabam meio que trancando os cegos dentro de casa. E a gente vê eles muito pouco na rua. Porque o ambiente é muito hostil mesmo se tu for pensar, pra uma pessoa cega. Na escola, ela precisa de uma adaptação maior ainda para uma criança cega.<sup>8</sup>

A fala ressalta a barreira cultural imposta para a deficiência visual, o que agrava a invisibilidade dessas pessoas na vida cotidiana. Além disso, ela aponta para a necessidade de ambientes culturais e educativos mais preparados para receber pessoas com deficiência, de modo que essas barreiras sejam gradualmente eliminadas.

Essa necessidade também é ressaltada na experiência compartilhada por Daiane, ao ser convidada para assistir ao espetáculo “Às Sombras de Anita” pela primeira vez. Ela revela que, desde que perdeu a visão em 2012, evitou frequentar espaços culturais, como teatros e cinemas, devido à dificuldade de compreender as encenações:

DAIANE: Com audiodescrição no teatro, minha primeira vez foi ali com O Sombrista. E aí, quando eu fui convidada pra ir, eu já fui muito ansiosa, assim, pra saber como seria, porque eu sempre gostei muito de teatro, de cinema, de filme, espetáculo, essas coisas, e desde que eu tinha ficado cega, em 2012, eu não tinha mais frequentado esses lugares, porque você vai e muitas vezes tem partes de um espetáculo que é só a encenação, você não sabe o que tá acontecendo, e aí a pessoa fica com você, do teu lado, ou se você vai sozinho, você não sabe o que acontece, mas outra pessoa tem que ficar te descrevendo ali. Aí a pessoa não presta atenção e te descreve o espetáculo. Então, eu deixei de frequentar, de consumir o teatro, o cinema, por esse motivo.<sup>9</sup>

Essa falta de compreensão gera um sentimento de exclusão e, muitas vezes, leva as pessoas a desistirem de participar da vida cultural. A audiodescrição, como Daiane descreve, não é apenas um recurso técnico, mas uma ponte que conecta o público cego ao espetáculo. A emoção dela ao assistir à apresentação com audiodescrição foi palpável:

DAIANE: E quando eu fui convidada ali, e que foi aquela audiodescrição aberta, nossa, eu fiquei muito emocionada, porque foi uma coisa que me tocou muito pelo fato de ser um teatro de sombras, que jamais a gente cego conseguiria assistir se não tivesse ali a descrição da Diana. Então, se aqui na cidade, vai ter um teatro de sombras, falando de Anitta, ‘tal, tal, tal’, seria uma coisa que eu ia falar, nossa, que interessante, mas eu não iria. Então, a descrição impacta nesse sentido, que a gente sente vontade de participar, por você chegar lá e saber que

<sup>8</sup> Conforme nota de rodapé número 6.

<sup>9</sup> Entrevista com Daiane Rodrigues, concedida em 16 de outubro de 2024.

você vai entender tudo o que está sendo dito. Você não se sente um peixe fora d'água, você se sente incluído naquele espetáculo, naquela plateia, e você fala, poxa, eu posso estar onde os videntes podem estar, e isso quebra muitas barreiras pra gente. Porque, hoje em dia, muitas pessoas cegas desistem de viver, assim, uma vida, eles sobrevivem, a gente fala, desistem de viver uma vida cultural, uma vida social, por esse motivo.<sup>10</sup>

Essa conexão emocional ressalta a importância da audiodescrição, permitindo que pessoas cegas não só assistam, mas se sintam parte de uma comunidade. Diana também destaca o papel fundamental da audiodescrição na participação social. Ela enfatiza a missão do artista em exercer a criatividade na utilização desse recurso, independente da ordem dos fatos em que ela for usada, se desde o início de uma produção ou após a obra pronta:

DIANA: Eu estou vendo dentro desse teu estudo, de tipo assim, de colocar acessibilidade desde o início ou colocar depois. Para pessoas com deficiência, o importante é estar acessível. Se vai contar antes ou depois, é uma viagem muito mais do artista daí, eu acho que vai muito mais pro eixo da criação, sabe? Do que pro benefício da pessoa. Porque a Dai<sup>11</sup> fala sobre isso. Ela diz se é uma AD poética, ótimo, mas se tem audiodescrição, por mais que seja uma audiodescrição assim, *flat*<sup>12</sup>, sabe? Que não tenha muita interpretação, não seja muito poética, mas se tá acessível pra gente, já é maravilhoso. O que eu acho é que a gente pode ser mais criativo na aplicação desses recursos. O que eu venho pensando hoje, que vem ao encontro disso que tu tá falando, de inserir isso desde o início. Mais do que isso, eu acho que a gente pode ser criativo nas exposições, a gente pode ser criativo nos espetáculos de teatro, sabe? Usar a nossa criatividade a favor dos recursos. Para que eles não precisem ser utilizados só dessa forma estanque. Para que a gente possa ter cada vez mais obras que tenham uma possibilidade de fruição maior, assim. Que daqui a pouco a gente chega num momento que lá no futuro que nem se fala mais em acessibilidade. Que é óbvio que já é acessível, sabe? Que ela já é construída pensando, né?<sup>13</sup>

Um ponto relevante sobre a acessibilidade através da AD é que ela não se limita a apenas atender às necessidades de pessoas cegas. Daiane aponta que a audiodescrição pode beneficiar também outros públicos, como pessoas com TEA e TDAH:

DAIANE: É bom para o deficiente visual a AD? Sim, é ótimo! Mas também para o autista, para quem tem TDAH, que não consegue focar, prestar atenção. Então, às vezes, ela está ali em outra coisa, mas o ouvido está atento ao que está sendo falado, e aquilo está entrando na cabecinha dela. Então, a audiodescrição, assim, é incrível, até nesse sentido, até para outros tipos de deficiência.<sup>14</sup>

Essa perspectiva amplia o horizonte sobre a utilidade da audiodescrição, mostrando que é um recurso valioso para uma variedade de públicos. Um ponto crucial levantado por Daiane é que “o

<sup>10</sup> Conforme nota de rodapé número 9.

<sup>11</sup> Diana se refere a Daiane como Dai.

<sup>12</sup> *Flat* é uma palavra inglesa que significa “plana”. Dentro do contexto da frase, Diana se refere a uma audiodescrição *flat* no sentido de ser uma audiodescrição reta, sem espaço para interpretações, focando apenas na tradução visual.

<sup>13</sup> Conforme nota de rodapé número 6.

<sup>14</sup> Conforme nota de rodapé número 9.

teatro não é só de pessoas videntes, o teatro é para todas as pessoas”. Essa afirmação reflete uma verdade fundamental que a arte deve ser inclusiva e acessível a todos. Essa visão é necessária para transformar a experiência cultural em um espaço realmente inclusivo.

Além do impacto direto em pessoas com deficiência, o etarismo foi abordado na conversa, destacando como recursos acessíveis beneficiam também esse grupo, permitindo-lhes continuar participando ativamente da vida social e cultural. Ressaltando a importância de se pensar a acessibilidade como um direito que atravessa as fases da vida e afeta a todos em diferentes momentos.

DIANA: A gente entra nessa questão do etarismo que a gente vive na nossa sociedade. O preconceito com a pessoa velha. A pessoa fica velha, ela passa a ser descartável. Ela não serve mais para produzir na sociedade, então agora ela pouco importa [...] E os impulsos de acessibilidade ajudam muito as pessoas mais velhas.<sup>15</sup>

Para superar esses obstáculos, é necessário iniciativas de sensibilização e a criação de espaços acessíveis que contemplem a diversidade de público. A acessibilidade, deve ser pensada de forma ampla, não só para as pessoas com deficiência visual, mas para qualquer pessoa que possa, em algum momento da vida, necessitar de recursos acessíveis. A acessibilidade deve ser vista não como um favor ou uma caridade, mas como uma necessidade universal que pode beneficiar qualquer indivíduo ao longo de sua vida.

A experiência de Daiane no teatro de sombras com audiodescrição foi não apenas uma nova oportunidade cultural, mas também uma redescoberta de seu papel na sociedade. “Eu tinha me sentido parte de alguma coisa” ela diz, sublinhando a importância da audiodescrição para criar um sentido de comunidade e pertencimento. Daiane também menciona que a audiodescrição deve ser uma prática comum em todas as manifestações culturais:

DAIANE: Eu acho que tudo que for cultural tem que ter audiodescrição, porque, como a gente fala, a gente também gosta de consumir essas coisas, né? Então, se tiver audiodescrição, com certeza vai ter pessoas cegas lá pra poder participar.<sup>16</sup>

Através da conversa com Diana e Daiane, fica evidente que a audiodescrição é uma ferramenta transformadora para a acessibilidade de pessoas com deficiência em contextos culturais. As experiências compartilhadas por elas destacam não apenas a necessidade de recursos acessíveis, mas também a importância de promover um ambiente onde todos possam ser incluídos. A arte, afinal,

---

<sup>15</sup> Conforme nota de rodapé número 6.

<sup>16</sup> Conforme nota de rodapé número 9.

deve ser um espaço de conexão, onde cada pessoa, independentemente de suas habilidades, possa vivenciar e celebrar a cultura, como Daiane menciona:

DAIANE: Eu fiquei muito emocionada, demais mesmo, assim, porque foi uma experiência muito tocante em mim. Eu, pela primeira vez, depois de muito tempo, me senti parte de alguma coisa, sabe? Eu tinha me sentido, poxa, eu tô num teatro, eu tô aqui, com um monte de gente e eu tô conseguindo saber tudo o que tá sendo passado, sem alguém tá tendo que falar no meu ouvido o que tá acontecendo. E já algumas pessoas também se sentiram incomodadas e se incomodaram com a audiodescrição, porque é o novo, né? A pessoa, às vezes, achou que aquilo ali não fosse necessário, mas, quando ela ouviu os depoimentos, ela viu que era necessário, porque o teatro ali não é só de pessoas videntes, o teatro é para todas as pessoas, né?<sup>17</sup>

Os depoimentos de Diana e Daiane ressaltam a relevância da audiodescrição como uma prática que vai além da acessibilidade técnica, se trata de um ato de participação social e cultural. A partir das experiências compartilhadas, compreende-se que a verdadeira democratização da arte exige uma adaptação constante e sensível às necessidades de todos. Assim, a arte cumpre seu papel de ser um espaço de pertencimento e troca, onde as barreiras são superadas.

#### 4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como a arte e a cultura podem estabelecer relações significativas com pessoas com deficiência, explorando de que maneira essas interações reconfiguram nossa compreensão sobre a experiência artística. Ao longo do estudo, buscou-se compreender o papel da audiodescrição como ferramenta essencial para tornar a arte e a cultura acessíveis a um público diverso. A partir da análise realizada, é possível observar que a acessibilidade cultural não apenas amplia o alcance da arte, mas também promove uma transformação na forma como ela é experienciada, incluindo novos olhares e perspectivas.

A partir da experiência da Cia. O Sombrista, este estudo demonstrou que a audiodescrição pode ser compreendida como uma linguagem estética e política, capaz de reconfigurar a experiência da arte e a noção de acessibilidade. Ao adotar a perspectiva dos estudos críticos, a pesquisa reconhece que a deficiência não é um obstáculo, mas uma lente criadora — um modo de pensar e de sentir o mundo. A audiodescrição, nesse sentido, é mais do que uma ponte entre o visível e o invisível: é um ato de partilha, um gesto que torna a arte um espaço de convivência sensorial.

As falas de Diana e Daiane revelam que a acessibilidade é também emoção, pertencimento e criação. Elas mostram que a arte acessível não é uma extensão da arte existente, mas um novo campo de criação, onde a diferença é força inventiva. Em um tempo em que ainda se associa deficiência a

---

<sup>17</sup> Conforme nota de rodapé número 9.

ausência, o trabalho da Cia. O Sombrista aponta para outra direção: a da arte como prática de escuta e cuidado, onde o sensível é partilhado e o outro é presença.

Pensar a acessibilidade a partir da estética — e não apenas da técnica — é pensar um futuro artístico e social em que a diversidade é o princípio de criação. A audiodescrição, nesse horizonte, torna-se símbolo de uma arte expandida, inclusiva e transformadora, afinal a acessibilidade na arte vai muito além do cumprimento de exigências legais. Ela representa um passo fundamental na direção de uma cultura inclusiva, onde a participação e a apreciação da arte são vistas como direitos fundamentais de todos, independentemente de suas condições físicas ou sensoriais. E deste modo reconfigura a experiência artística ao desafiar as noções tradicionais de percepção e apreciação da arte, incorporando as vivências e interpretações de um público deixado à margem das experiências com a cultura e a arte.

É fundamental reafirmar que o desenvolvimento de uma arte acessível e inclusiva é um passo essencial para a construção de uma sociedade que valoriza a diversidade e o respeito às diferenças. A acessibilidade na arte e na cultura representa uma mudança de paradigma, na qual o direito à participação artística é entendido como um direito humano universal. Assim, audiodescrição e outros recursos acessíveis não apenas democratizam o acesso, mas promovem a experiência artística ao possibilitar uma vivência plural.

## REFERÊNCIAS

BONAVIDES, Paulo. Anita Garibaldi: a heroína dos dois mundos. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

BRASIL. Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Dispõe sobre o Plano Nacional de Cultura e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 dez. 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm)

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Misfits: A Feminist Materialist Disability Concept. Hypatia, 2011.

MCRUER, Robert. Crip Theory: cultural signs of queerness and disability. Nova Iorque: New York University Press, 2006.

SIEBERS, Tobin. Disability Aesthetics. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2010.